



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARCELO CAVALCANTI DA SILVEIRA

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-

Entrevistado: Marcelo Cavalcanti da Silveira

Nascimento: 22/01/1960

Local da entrevista: Porto Alegre/RS

Entrevistador/a: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Data da entrevista: 19/09/2013

Transcrição: Juliana Fernandes Lorenzoni

Copidesque: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Pesquisa: Maria Luisa Oliveira da Cunha

Total de gravação: trinta e dois minutos e vinte e nove segundos

Páginas Digitadas: 16

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a Escola de Dança João Luiz Rolla.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Identificação e entorno social; Início na Dança; Escola de Dança João Luiz Rolla; Relatos sobre vinda do balé Bolshoi a Porto Alegre; Início dos estudos de balé com professor Rolla e sua trajetória posterior no balé; Relato sobre aulas de balé do professor Rolla e colegas de aula; Reportagem feita com professor Rolla para UFRGS; Lembranças sobre história de vida do professor Rolla; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 19 de setembro de 2013. Entrevista com Marcelo Cavalcanti da Silveira a cargo da pesquisadora Maria Luísa Oliveira da Cunha, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Bom Dia Marcelo. Inicio esta entrevista perguntando teu nome completo e tua data de nascimento.

M.S. – Me chamo Marcelo Cavalcanti da Silveira e nasci em 22 de Janeiro de 1960.

M.C. – Qual tua formação profissional?

M.S. – Eu sou jornalista. Eu antes entrei na UFRGS em 1983 no curso de história, fiz mais da metade do curso, mas não me graduei, troquei para comunicação social e me graduei em comunicação social jornalismo pela Fabico. Depois eu fiz especialização na área de museologia e hoje eu estou estudando museologia na graduação para poder ter o título de museólogo, porque a especialização não dá o título e também para fortalecer essa formação que eu já tive na área de museologia, ou mesmo na área de comunicação. Eu sempre tive uma tendência a trabalhar ou com vídeos científicos, divulgação da ciência, minha área era um pouco mais ligada à televisão, então a gente produzia isso. E agora aqui na UFRGS eu trabalho no Planetário da universidade, onde eu exerço a função que a gente chama de “planetarista”. Não é uma coisa regulamentada, mas o “planetarista” é a pessoa que opera o aparelho de estrelas, o projetor de estrelas e que interage com o público na medida do atendimento das sessões. Eu aqui até pela minha formação também produzo alguma coisa de programas para o Planetário, o último programa que eu produzi foi o sobre o Iuri Gagarin¹, que é um programa que tem algumas coisas de astronomia. Mas era um resgate histórico do primeiro voo. Hoje esse programa a gente agora produziu ele com acessibilidade para deficientes visuais. Vamos lançar agora esse ano em outubro essa versão. Então a minha área eu trabalhei sempre muito ligado à imagem, em fotografia, depois muita televisão com vídeo, produção de vídeo e na formação acadêmica foi comunicação social jornalismo, depois a especialização em museologia e hoje retorno essa questão assim... Claro que também o curso de história embora eu não tenha terminado ele me deu bastante base para isso.

¹ Foi um cosmonauta soviético e o primeiro homem a viajar pelo espaço, em 12 de abril de 1961.

M.C. – Tu és funcionário publico federal?

M.S. – Eu sou funcionário federal concursado, eu fiz o concurso em 1989, entrei em 1989 aqui na UFRGS.

M.C. – Tu podes me falar um pouco da tua história e de como aconteceu à aproximação com a dança?

M.S. – Eu nasci na Beneficência Portuguesa em Porto Alegre, a minha família morava na Avenida Getúlio Vargas quando eu nasci. Depois a gente foi para o bairro Bom Fim, morei ali na Avenida João Teles, ali no bairro Bom Fim. O meu pai era topógrafo, a minha mãe professora, mas meu pai era ligado ao partido comunista e atividades culturais, então o pai era do Instituto Cultural Brasil União Soviética. Ele durante um tempo empresariava balés que vinham da União Soviética, o primeiro foi o Moiseyev², que eu me lembre em 1970, depois o Bolshoi³ em 1974, veio Berioska⁴ e várias outras atividades culturais da então União Soviética, da Rússia, aqui em Porto Alegre. Então em casa tinha esse contato. E a minha mãe era professora do Estado, se bem que quando eu era pequeno, logo depois ela já se aposentou, mas sempre trabalhando nessa área. Minha aproximação com o seu Rolla, bem eu escutava falar do seu Rolla desde bem pequeno até porque o meu pediatra era o primo dele, o Dr. Rui Rolla. Era uma pessoa assim, meio que da família, porque o Dr. Rui Rolla foi médico da minha irmã e a minha irmã teve uma doença que depois ela teve que reaprender a andar. E uma das coisas que resultou disso foi estudar balé com o seu Rolla. Então a minha irmã estudou balé com seu Rolla, fez assim nos anos 50 inicio dos anos 60, não tenho bem essa ideia...

M.C. – Qual o nome dela?

M.S. – É Olena Cavalcanti da Silveira. E a Olena estudou um tempo, não sei bem assim detalhes maiores, mas tinha inclusive uns livros de balé e eu, quando pequeno, me lembro que gostava de brincar e fazer as posições, primeira posição, segunda posição, eu via nos desenhos nos livros e brincava com isso. E o pai com esse negócio também de vir os balés acabava que a gente teve esse contato. E o seu Rolla aí por essa proximidade, por a Rossana estudar, desculpa, por a Olena estudar lá no seu Rolla... Rossana é minha filha, a

² Companhia de Ballet Folclórico Popular Russo.

³ Academia Estatal de Coreografia de Moscou esta localizada na capital russa, tem sede no Teatro Bolshoi e por isso é conhecida como Ballet Bolshoi.

⁴ Conjunto Coreográfico Estatal Berioska de Moscou, fundado em 1948.

gente troca os nomes. Nessa época eu ainda não era casado. Aí com a Olena falando “o seu Rolla, o seu Rolla...” eu conheci mais de perto o seu Rolla em 1984... Eu já conhecia ele, mas aí que a gente teve um contato maior foi quando veio o Bolshoi a Porto Alegre... Inclusive eu me lembro que a gente teve que socorrê-lo porque a pressão dele foi a vinte e cinco por qualquer coisa, ele quase morreu quando viu o Bolshoi [risos] Foi uma emoção muito grande para ele, em 1974, isso lá no Gigantinho, foi acho que uma das primeiras vezes que se usou o Gigantinho para espetáculos grandes e até tinha a Zero Hora fez uma brincadeira “o lago do cisne” porque estava tudo alagado, chovia muito, foi na época de junho por aí que veio o balé. Então eles brincavam porque virou um lago aquilo lá, então era “o lago do cisne”. Então teve até suas brincadeiras. Mas aí teve essa aproximação com o seu Rolla e eu conheci uma bailarina do Bolshoi chamada Tamara Varlamova⁵ e eu menino e ela era uma mulher muito bonita e tal, aquelas coisas de guri... e aí eu vi e ganhei sapatilhas dela e eu falava, falo ainda um pouquinho de russo então eu levava eles para passear, realmente ciceroneava-os aqui em Porto Alegre...

M.C. – Tu lembras quantos anos tinhas?

M.S. – Quatorze anos, e aí ficou aquela coisa assim... A paixão.

M.C. – E essa proximidade com essa bailarina é em função do teu pai trazer os balés?

M.S. – Os balés é! E como eu falava um pouco, conhecia, acabei... Inclusive eles ensinavam um pouco de russo também para a gente, a gente saía, eu sempre tive uma certa facilidade assim, como eu não tenho muita vergonha de falar errado, a gente vai falando, sabe umas palavras aqui outras ali, e vai, vai indo, dá para se entender. E a gente ficou um tempo assim, eu levava muito ela... Era Tamara e tinha uma outra chamada Svetlana Zakharova⁶ que a gente era, elas saíam muito juntas, a gente levava para almoçar, essas coisas, a gente ficou conversando tudo. E ela tinha uma parte que ela fazia uma suíte de Carmen de balé espanhol. E aquela imagem me marcou muito ela dançando em cima de uma mesa, com uma rosa vermelha, aquelas coisas e essas coisas vão ficando, e aí ficou aquele desejo de estudar balé, estudar balé, estudar balé, só que tinha uma série de dificuldades, escola, mesmo assim certas questões assim, até de preconceito, mas até que

⁵ Primeira bailarina do Ballet do Teatro Bolshoi.

⁶ Bailarina ucraniana do Ballet Bolshoi.

em 1976, aí com 16 anos, eu disse “ah não, eu vou lá”, fui lá falei com o seu Rolla e seu Rolla disse “tu pode vim fazer aula”. Então o que aconteceu, eu fui estudar ali com o seu Rolla, era a escola dele, funcionava ali no Araújo Viana, numa sala lá em cima do Araújo Viana, nesta época até eu conheci o pessoal que agora tá lá, né? A Regina Guimarães⁷, a Carlota Albuquerque⁸, a irmã da Regina a Laura⁹, a Sayonara¹⁰, a Luca que é a Maria Isabel¹¹ que é do balé redenção, foi também aluna, que hoje é profe, que as professoras aí em Porto Alegre de balé, elas são mais ou menos minhas colegas eu assisti aula junto, e foi em 1976, inclusive naquele ano eu participei do balé dos vinte e cinco anos da escola. Apresentação de vinte e cinco anos da escola do seu Rolla foi no Salão de Atos da UFRGS, e eu fazia, agora faltou à memória o nome da peça, mas eu era um menino que dormia na floresta e aí eu sonhava, e o meu sonho era o balé, então eu entrava, agora desculpe não lembro o nome da peça, eu sei que lá no Centro de Memória tem o programa dessa peça, inclusive está o meu nome naquele que é o dos vinte e cinco anos. E depois eu tive alguns problemas familiares, pessoais, me afastei um pouco. Até que eu volto em 1977 a estudar balé, mas daí com a Ilse Simon¹² que era Simon Dreher com a Eneida Dreher¹³ e a Ilse Simon, foi quando depois eu ganho um convite para estudar na Juilliard¹⁴ em Nova York, mas o seu Rolla embora tenha sido assim relativamente um período, relativamente curto ele sempre ficou... Até porque vinha antes da história, até por causa dessa questão da família da Olena, e aí aquele período lá foi um período interessante até depois pelas coisas que aconteceram na minha vida pessoal e tal que foram bem conturbadas naquela época, marcou muito. E o seu Rolla... eu sempre tive um carinho muito grande por ele e a coisa em função disso ficou, a gente foi... Embora o período tenha sido relativamente curto ficou com a... Na Ilse depois eu recebi um convite do pessoal do balé de Caracas através do Hector Manuel Zaraspes¹⁵ para estudar em Nova York. Eu fui para a Venezuela tinha que ficar dois meses na Venezuela e depois ir para os Estados Unidos acabou que na Venezuela aquelas coisas também de menino, 17 anos, eu me apaixonei por uma colombiana e larguei

⁷ Regina Guimarães, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla

⁸ Carlota Christina Macedo de Albuquerque, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla

⁹ Laura Maria Endler Guimarães, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla

¹⁰ Sayonara Pereira, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla

¹¹ Isabel Beltrão, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla

¹² Ilse Simon, ex-aluna de Lia Bastian Meier.

¹³ Eneida Dreher, ex-aluna de Lia Bastian Meier

¹⁴ Juilliard School é uma escola de música e artes cênicas localizada em Nova Iorque, nos Estados Unidos, considerada um dos principais conservatórios e escolas de dramaturgia do mundo.

¹⁵ Professor de ballet da Juilliard School de Nova York.

tudo e fui para a Colômbia. Aí é uma outra história não tem mais a ver com o balé. Mas mesmo depois eu volto ao Brasil aí o seu Rolla já estava naquele processo já de fim da escola dele. Foi um troço meio traumático lá, uma confusão com aquela Terezinha Irigarai¹⁶ que assumiram a prefeitura e um pouco antes disso eu tinha trabalhado no balé da PUC, que a PUC tentou fazer um corpo estável de balé, a gente até ensaiou Copélia era um professor não lembro se polonês, era um cara daquela área lá, não me lembro bem o nome dele, mas a memória é um problema. Mas a gente estava ensaiando Copélia e também aquelas coisas, eu aí já estava indo casar, e tal, filho não sei o que, eu tenho três filhos, uma filha Rossana que estudou com a Luca no balé do Estúdio Redenção, ela foi da turma fundadora, foi da primeira turma da Isabel Brandão e a Rossana estudou um tempo lá com ela. Eu tenho depois o Rodrigo e o Paulinho, hoje já a Rossana tem trinta e quatro anos, o Rodrigo tem vinte e nove, faz ciências da computação na UFRGS e o Paulinho que é o roqueiro da família tem vinte e quatro. Então eu acho que é isso assim o... Mas a coisa assim voltando o aspecto do seu Rolla, teve umas coisas que marcaram muito, o seu Rolla tinha uma varinha.

M.C. – Quanto tempo tu estudaste balé na escola de Seu Rolla?

M.S. – Uns seis meses.

M.C. – E desse período o que tu podes me contar?

M.S. – Bem eu fazia aula diretamente com ele. Eu assistia aula com ele com o pessoal já mais avançado porque não tinha assim uma aula para meninos, então a gente fazia junto e aí fazia alguns exercícios às vezes diferenciados.

M.C. – Mais meninos faziam aula nesta época ou era somente tu?

M.S. – Não. Tinha o Sidio Abel Trindade¹⁷. Ele tá aqui ainda em Porto Alegre, havia uma outra pessoa que eu não lembro o nome, eu só lembro que ele era um cara muito alto, era loiro, ele era bem alto. Daí a gente até brincava assim que até pela altura ele era um pouco desengonçado [risos] eu não recordo o nome dele. E tinha também o Sidio. Só que eles não faziam aula assim tão seguido. O Sídio já tinha mais experiência, já tinha um tempo de balé bem grande. O outro menino acho que não, mas normalmente era só eu nas aulas.

¹⁶ Vereadora no ano de 1982 foi secretária de educação do município de Porto Alegre.

¹⁷ Sidio Abel Trindade, bailarino convidado nos espetáculos da Escola de Dança João Luiz Rolla.

Com essas gurias aí que eu falei a Scheila Silva¹⁸, Sayonara, a Isabel, a Regina Guimarães. A Regina já era meio que professora, tinha a Aparecida¹⁹ também.

M.C. – E como era a aula?

M.S. – A aula era bem legal, o seu Rolla tinha uma aula interessante. Como quase toda a aula, o balé começava com os aquecimentos, *en dehor*, *en dedan*, mexer os pés, joelhos, *plié* e aí ele ia passando os movimentos, e quando a gente errava o movimento tinha uma varinha... Que até a explicação era que para não botar a mão nas meninas, imagina um homem botar a mão numa menina, ele usava a varinha, e aquela varinha funcionava. Eu acho até depois com outros professores de balé eu até vi que isso tem uma característica importante da vara, porque quando ele tocava no músculo tu sentia o músculo que ele tá tocando e aquela... Não chega a ser dor, mas aquele estímulo tu... dá uma memória, então acho que isso era importante. Mas mais assim, assim até que o balé o seu Rolla falava muito do *élan*²⁰, do esticar os movimentos, da figura em cena, essa postura, e não só a postura em relação ao balé, mas também em relação à vida, aquela coisa assim do amor de fazer as coisas, isso me marcou muito, eu tenho bem viva essa lembrança assim, “oh vai fazer uma coisa seja lá o que for procura fazer bem feito”. A gente não é perfeito, mas tu tem que te empenhar, mesmo que não seja o melhor movimento, mas eu fiz o que podia de melhor, eu suei a camiseta. Depois até tive outros professores de balé que cobravam muito essa coisa do esforço, a gente até brinca que a gente foi ver os jogadores de futebol os caras estão lá meia hora treinando não estão com uma gota de suor parece que saíram do chuveiro a pouco. O seu Rolla mesmo, e depois o Zaraspes, que foi um grande maestro da Juilliard, era um argentino, ele foi professor do Nureyev²¹, ele dizia que “se em cinco minutos a gente não estivesse empapado de suor não estava fazendo aula, tu estava enrolando”. Mandava embora, tirou gente de sala por causa disso, quer dizer tu tinha que chegar e tu tinha que te esforçar ao extremo e isso era uma coisa que o seu Rolla falava muito. Acho que falava também para as meninas, provavelmente não para todas, mas havia assim um grupo mais dos escolhidos assim que eu não sei se ele via que tinha mais potencial ou não e eu ele sempre teve muito carinho comigo. Ele sempre, também por conhecer minha família, por causa da minha irmã, ele sempre me puxou muito nesse

¹⁸ Scheyla Regina Pereira da Silva, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

¹⁹ Maria Aparecida Agustoni, ex-aluna da escola de Dança João Luiz Rolla.

²⁰ Impulso, sentimento de energia e entusiasmo.

²¹ Rudolf Khametovich Nureyev

sentido e acho que isso foi fundamental. Mais que o balé, mais que as questões de balé, foi essa questão de vida de tentar fazer todas as coisas com amor, se empolgar com as coisas, qualquer coisinha que tu vai fazer a gente sempre imaginava vamos fazer o melhor, eu acho que era isso.

M.C. – Tu assistiu alguns espetáculos onde a tua irmã dançou?

M.S. – Não. Não porque eu era muito pequeno, ela tem uma diferença de 15 anos para mim. Então não.

M.C. – E sobre essa finalização da escola quando tu voltou a Porto Alegre. Tu consegue lembrar de alguma coisa para me contar?

M.S. – Eu me lembro, inclusive foi uma pena, a gente chegou a fazer uma entrevista com ele para a UFRGS em vídeo e se perdeu isso. Talvez lá na comunicação social tenha ficado. Era uma VHS que ele contou a história dele. Eu me lembro do episódio da finalização da escola na época eu trabalhava na TV Educativa e foi um troço bem traumático porque era uma questão política. Foi alegada, mas foi meio que uma maldade que fizeram até pela idade dele, pelo serviço social que ele prestava, eu inclusive nunca paguei aula, os meninos de modo geral não pagavam aula e tinha meninas que tinham potencial que ele não cobrava... Inclusive me lembro de coisas assim de pessoas auxiliarem para ter a fantasia para o espetáculo, não te diria assim específico alguma coisa, mas eu tenho essa ideia de que isso acontecia. E acho que foi quase que uma judiação para o seu Rolla. Eu me lembro que a gente comentou que tinha um amigo dele chamado Davi Camargo²² que inclusive dançou comigo em 1976. O Davi Camargo era um cara do teatro ele era o aldeão na época e eu era o menino da aldeia, então ele era tipo o chefão lá. Ele, o Davi Camargo, inclusive depois, fazia algumas peças, alguns papeis no Estúdio Redenção. Eu me lembro dele num que a Rossana dançou, a minha filha, que a Rossana era um cavalo marinho alguma coisa assim, era um negócio do mar e ele era o Rei Netuno. [risos] Então o Davi... O Davi era muito amigo do seu Rolla, era uma pessoa do teatro, do cinema, uma pessoa excepcional. Aí eu me lembro que a gente comentou que isso judiou muito o seu Rolla. O Davi também tinha uma característica importante que o Davi era o grande divulgador das coisas, da cultura em geral, do balé e do seu Rolla, ele divulgava muito, ele

²² David Camargo ator de teatro e cinema e trabalhou em cerca de 60 filmes recebeu, em 1998, um Kikito especial pelo conjunto da obra, no Festival de Cinema de Gramado.

era o cara que ia para o jornal...recortava as coisas de jornal. Eu tenho ainda matérias que saíram quando a gente fez a apresentação dos 25 anos do seu Rolla, com a letrinha dele dizendo isso aqui saiu em tal jornal. Então ele era um cara importante nessas circunstâncias e a gente comentando que realmente foi uma maldade. Sabe, não precisavam ter feito a maldade e da forma com que foi feita e quando eu entrevistei o seu Rolla, o seu Rolla guardava sim uma certa mágoa disso. Daí ele contou a trajetória dele, porque ele começou antes do balé até, porque naquela época dele ainda era muito mais difícil do que nos anos 70 que já tinha certos ares de abertura. Embora eu vou te dizer que, eu nunca esqueci, um amigo do meu pai quando eu estava dançando balé, ele chegou para o meu pai e disse assim... Desculpa eu vou usar a palavra que ele usou... “Tu quer um filho puto, tu bota no balé”. [riso] E as vezes essas coisas assim chocam, assim se tu vai ser homossexual, se tu não vai, se não sei o que, tem um problema que é teu, mas assim até a forma chula com que isso foi colocado, como eu não era mais uma criança, mas isso marca e dói. Apesar dessas questões de abertura, eu me lembro depois quando fui trabalhar na TV, de pessoas assim ditas da área cultural ou esclarecidas dizerem “Ah mas tu dançavas ballet?”[ironia] Aquelas coisinhas assim que tu tem que ouvir mas depois tu até dá risada, acaba que isso aí não afeta. Mas o seu Rolla ele começou como atleta e creio que era atleta do Internacional, até porque depois tem um na família Rolla, tinha esse Dr. Rui Rolla, que era um grande pediatra, que foi o meu pediatra, eu ia acho que até com vinte anos de idade eu ainda ia no Dr. Rui Rolla. A gente só chamava de Rolla todos eles, e tinha o Foguinho²³, que era um primo também, que é o Foguinho era... Eu não me lembro, eu sei que é Rolla, agora no nome dele eu não me lembro, que foi um treinador de futebol famoso, conhecido. E agora eu não consigo lembrar o primeiro nome dele mas era o Foguinho.

M.C. – Então me fala um pouco sobre o que tu sabes desta época em que ele era atleta.

M.S. – Bem ele começou no atletismo e inclusive até eu me lembro que o pai comentava “o Rolla conseguiu dançar balé porque já tinha todo um aspecto do ser atleta”. Acho que o seu Rolla começou com a dona Tony e depois é que ele vai para carreira solo de escola dele. Ele dever ter começado em 1951/1952 a escola, 1951. Então fazer uma escola... um homem em Porto Alegre! Uma escola de dança é uma coisa assim que chama atenção. Mas isso o pai sempre falava “o Rolla foi um atleta, era um grande cara”. O pai tinha muito

²³ Oswaldo Azzarini Rolla, o Foguinho (1909 - 1996), foi um jogador, treinador do Clube Grêmio Futebol Portoalegrense por quatorze anos e ainda árbitro de futebol.

apreço pelo seu Rolla até porque ele participou da cura da minha irmã. Ela teve meningite, foi um dos primeiros casos curados de meningite. Então teve que reaprender a andar e o balé fez parte desse processo. Havia um carinho assim da família... Minha família também é uma família tradicional aqui no Rio Grande do Sul. Então tinha toda essa questão e com esse aspecto da filha, no caso do pai, que estudou com ele, o médico que era da família, acabava tudo sendo meio uma grande família. Então é isso, o seu Rolla para mim, mais até que o aspecto do balé, insisto, representou essa coisa assim de ter me dado esse ensinamento assim “tenta viver a vida com *élan*”, nunca esqueço do esticar os movimentos, o crescer no palco ou na vida e fazer as coisas com amor.

M.C. – Depois desta época do fim da Escola tu tiveste algum contato com ele?

M.O. – Não. Eu sempre encontrava o seu Rolla, o seu Rolla era muito querido. Eu às vezes achava assim, porque ele tinha um jeitão meio estranho, “acho que ele não gosta de mim! esse velho”, aquelas coisas de guri. Mas depois com o passar do tempo a gente vai vendo que aquele era o jeito dele, que ele tinha muito carinho também por mim e a última vez que eu tive um contato assim cara a cara com o seu Rolla foi nessa entrevista que a gente gravou para a UFRGS.

M.C. – Esta entrevista ficou registrada na UFRGS?

M.S. – Isso aí eu não sei, tinha uma fita em VHS que tinha ficado na comunicação social, se existe ainda, se não, não me lembro. Foi feita num apartamento que ele morava aqui na Osvaldo Aranha, onde é a lancheria do Parque, naquele prédio ali que ele morava, em que ele conta várias coisas. Mas isso já foi nos anos 90, eu não tenho certeza absoluta, eu acho que foi na época em que eu estava na faculdade, 1993, entre 1992 e 1994. Eu me lembro que foi gravado em VHS eu era aluno da Fabico e eu não me lembro se isso aí... Eu me lembro que na época a gente entrevistou também aquele outro que era eu acho que um argentino, Alexander²⁴... que tinha uma escola na Independência. A gente entrevistou algumas pessoas da área de balé. E com o seu Rolla foi feita essa entrevista, e eu não sei se a fita existe ainda ou não, mas era uma fita VHS... Depois eu fui trabalhar na comunicação social e eu me lembro que eu estava com essa fita e a gente levou que queria transcrever e acabou que ficou guardado lá... Eu saí da comunicação e isso nunca foi adiante.

²⁴ Alexander Sideroff, diretor do centro Internacional de Danças em Porto Alegre.

M.C. – Tu lembras em qual setor ela ficou?

M.S. – Hoje é a secretaria de comunicação social, na época era coordenadoria de comunicação social, alguma coisa assim.

M.C. – Então esse foi o último contato?

M.S. – O último contato foi nesta entrevista. Depois infelizmente ele faleceu... eu não pude... Eu não estava... eu acho que estava viajando alguma coisa assim, eu sei que não pude ir no velório. Quando foi o centenário dele?

M.C. – Há um ano.

M.S. – Um ano? Neste dia eu fui jantar com as gurias, aí eu encontrei as gurias²⁵ lá, até a minha filha brincou “pagar a janta era X reais, ver meu pai chorar não tem preço” [risos], e porque a gente se emociona de encontrar as gurias, e participar dos cem anos do Seu Rolla, isso foi para mim muito importante.

M.C. – Então nós vamos concluindo e eu gostaria de te deixar um espaço para falar o que tu quiseres no final da entrevista sobre esse teu contato com o Professor Rolla e a dança.

M.S. – O seu Rolla para mim era um cara meio gordinho, baixinho, bem ajeitado assim, tinha um jeito de caminhar estranho... A imagem que me vem sempre é ele com um tipo de pulôverzinho vermelho, cabelo branco para trás, um pouco careca. Ele não era muito careca, mas tinha o cabelo branco para trás. Ele tinha uma cara estranha assim na minha memória, não sei se ele era meio... cara de ranzinza ou um sorriso... Talvez de Monalisa assim, meio enigmático. E ele com aquela varinha na mão e falando essas coisas assim, sempre com essa cobrança do melhor, de fazer bem feito, sabe, de se dedicar, mais até que fazer bem feito, que isso, essa coisa de te entregar de alma para aquelas coisas. Ele era um cara que eu acho que se entregava de alma para o balé, era uma forma de vida para ele, foi a forma com que ele viveu, mas eu acho que isso era o que menos importava, o que mais importava para o seu Rolla eu acho que era realmente essa coisa da dança, ele... Tu via os olhinhos dele brilharem. Como eu me lembro quando ele passou mal lá no Bolshoi foi por isso... Então sei lá essa coisa assim, essa chama, mesmo ele já... Quando eu conversei com ele na entrevista ele ainda guardava isso que quando vinha, aquela coisa vinha de dentro assim dele quando falava dessas coisas relativas ao balé e mesmo da vida dele. Apesar

²⁵ O entrevistado refere-se as ex-alunas da escola de Dança de João Luiz Rolla.

claro dessas mágoas tudo isso eu acho que era muito pequeno perto dessa coisa. E para mim também acho que isso também consolidou depois que é aquelas coisas de paranoias de criança, “ah esse cara não gosta de mim”, “esse cara não me dá bola”... Que quando a gente conversando assim depois que aí já sentou a poeira, eu sentia que ele tinha também um carinho grande por mim assim, eu era, fui também um dos alunos e também ter sido reconhecido pelas alunas do seu Rolla, nesse jantar dos cem anos e tal, talvez para as pessoas fosse uma coisa normal era o Marcelo, todos sempre conheciam... Mas não sei ou porque eu me afastei disso..., tu sentir acolhido isso dá um carinho muito grande, dá um alento muito grande até para seguir em frente. Muitas vezes aqui no Planetário a gente tá cansado, tem eventos de madrugada, mas eu sempre me empolgo de olhar as estrelas, eu acho que são maravilhosas e que a gente tem que divulgar isso, há um balé nas estrelas muito interessante. E o seu Rolla está lá. Eu agora te falei no início que eu estava fazendo uma exposição sobre um estágio que eu fiz na Colômbia que eu fiz algumas fotos e no texto de abertura, no texto que fala que tá plotado na parede do museu da UFRGS eu coloquei que eu estive na Colômbia trinta e cinco anos atrás, na verdade é um pouco mais foi em 1977 e que eu vi a Colômbia também com um olhar de um certo professor Rolla que me ensinou a amar as coisas e fazer as coisas com *elan* isso tá no texto, porque isso eu acho que dá até para ver que isso marcou. Então eu acho que é por aí. Agradeço.

M.L. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]